

## Seção 2

---



*Malinche: uma aproximação  
que distancia*

*Malinche: an approximation  
that distance*

---

**Maria Luana DOS SANTOS**

Possui graduação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e mestrado pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), na área de Literatura e Práticas Culturais, Dourados/MS. Bolsista FUNDECT/CAPES.

**[mluanads22@bol.com.br](mailto:mluanads22@bol.com.br)**

**Alexandra SANTOS PINHEIRO**

Possui pós-doutorado pela Universidad de Jaén (Espanha) e faz parte do quadro permanente de professores da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), atuando na graduação e pós-graduação da área de Letras. Dourados/MS.

**[alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br](mailto:alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br)**

## Resumo

---

Tentando entender a estruturação do “Novo Mundo”, analisamos a obra *Malinche* (2006), de Laura Esquivel. Apropriamo-nos do texto em questão como evidenciador de um processo de resistência, característico de nações que já ocuparam o duro espaço de colônias europeias. Ademais de compreendermos mais a fundo nosso *corpus* percebemos que ele não se constitui como tal se deixarmos de considerar o seu contexto de produção, mexicano a princípio, mas, principalmente, latino-americano. Buscamos, ainda, demonstrar como se dá a elaboração de uma ‘nova ordem’ sócio-histórica e ideológica na América Latina.

**Palavras-chave:** Resistência; *Malinche*; Nova ordem.

## Abstract

Trying to understand the structure of the "New World", analyzed the work *Malinche* (2006), Laura Esquivel. Appropriated us the text in question as disclosing a process of resistance, characteristic of countries that have occupied the hard space of European colonies. In addition to understand more deeply our corpus we realize that it is not as such if we fail to consider your production environment, Mexican at first, but mainly Latin American. We also seek to demonstrate how is the development of a 'new order' socio-historical and ideological in Latin America.

**Keywords:** Resistance; *Malinche*; New order.

## Apenas um começo

*Um corpo imóvel se impõe limites, um corpo em movimento se expande, torna-se parte do todo, mas é necessário caminhar com leveza, sem carga pesada. Caminhar nos enche de energia e nos transforma, para poder olhar o segredo das coisas. Caminhar nos converte em borboletas que se alçam e olham o que o mundo é na verdade. O que a vida é. (...) mas, se você quiser, pode ficar sentada e se transformar em pedra.*  
(Laura Esquivel, 2007)

*Del mar los vieron llegar/mis hermanos emplumados/eran los hombres barbados/de la profecía esperada/Se oyó la voz del monarca/de que el Dios había llegado/y les abrimos la puerta/por temor a lo ignorado.*  
(Amparo Ochoa & Gabino Palomares, 1975)

---

**A** obra *Malinche*, da escritora mexicana Laura Esquivel, é propulsora para a análise a ser realizada. Evidenciando com cores diferentes o período de colonização da América pelos espanhóis, sobretudo a parte central, o texto em questão nos permite visualizar a relação entre aproximação e distanciamento das civilizações, bem como sua interferência na configuração sócio-histórica, ideológica e cultural dessa porção de terra.

Para tanto, desenvolvemos a ideia da resistência como parte constituinte de um cenário que enfoca o contato entre partes com posicionamentos distintos frente ao mundo. Adentramos, também, em um contexto de investigação pós-colonial, adotando a língua como força motriz para o desencadeamento de um processo de resistência para os dois extremos do contato colonial; Em seguida, discutimos o potencial da produção literária como ferramenta para instauração de uma ‘nova ordem’ social na América Latina, levando em conta como essa e o México configuraram as suas comunidades imaginadas.

Em toda essa trajetória, permanecemos nos limites máximos de textos possíveis e, tentando compreender o nosso objeto, perscrutamos a sociedade mexicana, o que nos levou direto a nossa formação latino-americana. Caminhamos de manso para olharmos de perto o segredo das coisas, visualizamos alguns certamente, aqueles que foram destacados para revelar todo o seu potencial transformador, mas outros ficaram perdidos.

Se nossa história é caminhar, então, caminhemos nessa estrada para que não nos transformemos em pedras, sem ação ou força transformadora.

### **Uma célula de resistência**

Durante o desenvolvimento da humanidade passamos por algumas palavras chaves que, em sua grande maioria, tratavam de processos de subordinação e davam conta de padrões característicos de um dado período. Talvez a mais “elevada” tenha sido “colonização”, ainda na Idade Média, que exprimia o domínio dos reinos e, também, da Igreja Católica – enquanto instituição mais política que religiosa. Na contemporaneidade<sup>1</sup>, ousamos afirmar que vivemos na era da resistência.

1 | Cf. AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Editora Argos, 2009.

No *Dicionário Houaiss Eletrônico* (2007, S/P) entre as muitas acepções para a palavra ‘resistência’ nos deparamos com estas: “s.f. ato ou efeito de resistir. 1. Qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo. 3. Capacidade de suportar a fadiga, a fome, o esforço. 4. Recusa de submissão à vontade de outrem; oposição, reação.” Superficialmente, aceitamos tratar-se da ação de se opor a forças que agem sobre/contra nossos princípios ou estrutura física, ou seja, implica uma relação de causa e consequência.

Se pensarmos nesses termos, precisamos considerar que uma prática de resistência necessita de um contexto em que haja contiguidade entre partes., Mas uma contiguidade que, muito longe de ser pacífica ou violenta, envolva debate/embate, sobretudo de posturas/posicionamentos. Tomemos a ideia de resistência como mote fundador da análise que ora se empreende do texto de Laura Esquivel em estudo., Sssim sendo, partimos do pressuposto inicial que, para o desenvolvimento de uma prática de resistência na obra, temos como fato a existência de partes em diálogo.

Apresentando uma história centrada no convívio entre culturas distintas, *Malinche* (2006) apresenta-se dentro dos preceitos da resistência, que retira a América Latina da condição de pedra inerte para colocá-la em constante caminhar, ação transformadora. Torna-se evidente, no enredo, a aproximação, ou melhor, o ponto em que se tocam os padrões culturais espanhóis e das diversas etnias que compunham o “Novo Mundo” – no caso específico da produção de Esquivel, a porção que corresponderia ao atual México.

Nessa conjectura, buscaremos aproximações e distanciamentos no texto que revelem reações potenciais mexicanas quanto a ações que, se não dilapidavam toda uma cultura, ao menos sujeitavam ao seu controle grande parcela social. Logo de partida temos consciência de que são as aproximações as responsáveis pela evidenciação das distâncias existentes entre as partes e, conseqüentemente, do desencadeamento de oposições de ambos os lados aos padrões do “outro”.

De um modo ou de outro estamos discutindo a construção da comunidade mexicana, bem como os primeiros passos para a invenção do “Novo Mundo”. Significativa, nesse ponto, é a passagem que segue:

*Quando a cerimônia terminou, Malinalli se aproximou de Aguilar, o frade, para perguntar-lhe qual era o significado de Marina, o nome que haviam acabado de lhe dar. O frade respondeu que Marina era a que vinha do mar.*

*— Só isso? — perguntou Malinalli.*

*O frade respondeu com um simples:*

*— Sim.*

*A desilusão se delineou em seus olhos. Ela esperava que o nome que lhe estavam conferindo os enviados de Quetzalcoatl tivesse um significado maior. Não eram simples mortais que desconheciam por completo o profundo significado do universo, mas iniciados, como ela supunha. Seu nome devia significar algo importante, (ESQUIVEL, 2007, p. 48-9).*

Após um ritual cristão, que muito diferia dos ritos astecas, Malinche está às voltas com o frade Aguilar para saber o significado de seu “novo” nome. O significado do nome para os Astecas dizia muito das características dos sujeitos de sua importância para o sistema social do qual eram partícipes. Estamos diante de uma das primeiras relações entre colonizador e colonizado, pois a troca do nome interfere diretamente na constituição da identidade dos sujeitos, promovendo a despersonalização dos atores sociais.

Ademais, percebe-se um embate cultural e uma célula de resistência (mesmo que de modo não claro ou consciente). O batismo, nos moldes cristãos, não configurava prática local para as civilizações que estavam passando por um processo de (re)civilização, e a troca de nome interferia de modo muito incisivo nos padrões identitários existentes. Assim, a cultura espanhola buscava impor-se sobre a cultura asteca, e, em um curso ascendente de reação a princípio não consciente, ocorre a negação da “simplicidade” de cultura outra, que é tomada em relação a sua própria.

Malinche se opõe aos aspectos culturais do outro, quando se nega a aceitar que seu nome signifique tão pouco, pois nome algum de sua sociedade é levado em tão pouca conta. É, pois, a partir da aproximação entre aspectos culturais que se visualiza o seu distanciamento, bem como, a invenção de um novo mundo pensado a partir de outros padrões, tendo em vista que são as características espanholas as que são priorizadas. Podemos afirmar, então, que só se inventa ou fabula tomando-se como ponto de partida nossos próprios esquemas imaginativos ou do grupo ao qual pertencemos.

Ao tomarmos imbricamentos e distanciamentos provenientes do contato entre uma ou mais civilizações, tornadas factíveis pela obra *Malinche* (2006), colocamos em relevo todo um percurso que envolve as relações entre colonizador e colonizado. Dito de outra maneira, adentramos em contexto de investigação predominantemente pós-colonial. Isso significa mencionar que não destacamos aspectos pós-passageiro do colonizador em territórios colonizados, mas o momento mesmo da interação.

*(...) podemos definir a literatura pós-colonial como toda a literatura, inserida no contexto de cultura, 'afetada pelo processo imperial, desde o primeiro momento da colonização europeia até o presente' (ASHCROFT et al. 1991, p. 2). A crítica pós-colonial, portanto, abrange a cultura e a literatura, ocupando-se de perscrutá-las durante e após a dominação imperial europeia, de modo a desnudar seus efeitos sobre as literaturas contemporâneas. De fato, todas as literaturas oriundas das ex-colônias europeias, sejam elas portuguesas, espanholas, inglesas ou francesas, surgiram da experiência da colonização e reivindicaram-se perante a tensão com o poder colonial e diante das diferenças com os pressupostos do centro imperial, (BONICCI, 2009, p. 267).*

Ashcroft *et al* (1999, p. 3-4) situa a literatura pós-colonial como um modo de produção que trata da forte influência exercida pelo colonialismo na vida/cotidiano de mais da metade da população mundial, sendo que, como uma arte, ela seria capaz de evidenciar essa influência de forma mais contundente. Ou seja, preocupa-se com o durante e após da colonização, tomando como base a produção literária. O termo pós-colonial seria utilizado para cobrir a produção literário-cultural de toda a extensão que ficou sob o poder colonial europeu. Os autores tomaram como corpus para o desenvolvimento de seu pensamento a literatura em língua inglesa produzida por ex-colônias britânicas, mas o fato é que há várias outras literaturas, em tais condições, disseminadas pelo mundo.

Nesse contexto a língua ocupa papel fundamental para o tratamento de uma literatura que seja pós-colonial, pois é por meio da subversão do código escrito dominado pelo conquistador que o colonizado lança as bases para a (re)invenção de seu mundo já inventado, ou melhor, para a revelação de seu contexto de produção, sobretudo, de sua existência.

*Para mim a criouliização não é criouliismo: é, por exemplo, engendrar uma linguagem que teça as poéticas, talvez opostas, da língua crioula e da língua francesa. O que eu chamo de poética? O contador de histórias crioulo se serve de procedimentos que não pertencem ao espírito da língua francesa, que lhe são mesmo opostos: os procedimentos da repetição, reduplicação, insistência, circularidade. As práticas da listagem (...) que esboço em muitos de meus textos, essas listas que tentam esgotar o real não numa fórmula, mas numa acumulação, a acumulação precisamente como procedimento retórico, tudo isso me parece muito mais importante do ponto de vista da definição de uma linguagem nova, mas muito menos visível, (GLISSANT apud FIGUEIREDO, 1998, p. 88).*

É o que percebemos no parecer de Glissant quanto à utilização de uma língua que é, em sua síntese, híbrida, fugindo da língua pura do colonizador, signo de sua dominação e, conseqüentemente, da subjugação do outro. Essa proposição evidencia a tentativa de

reação, oposição às forças possuídas pelo colonizador, e que seguiram durante muito tempo interferindo nas sociedades que estiveram baixo o jugo do “exploit”<sup>2</sup> europeu.

Na América de ‘língua espanhola’, a apropriação do idioma do explorador pelo colonizado pode ser percebida na larga produção de Augusto Roa Bastos, que focaliza em seu texto castelhano o guarani, a língua do indígena subjugado. Em *Malinche*, não é perceptível a utilização do idioma indígena local em meio ao espanhol, o que seria descrito por Ashcroft *et al* (idem, p. 6) em termos de abrogação resultando em lacunas metonímicas. No entanto, é perceptível a clara consciência<sup>3</sup>, por parte do colonizador europeu, do quanto a falta de domínio do idioma local pode ser comprometedor para o desenvolvimento de sua sanha “desbravadora”.

*Ao longo de sua vida, à medida que amadurecia, comprovava que não havia melhor arma do que um bom discurso. No entanto, agora se sentia vulnerável e inútil, desarmado. Como poderia utilizar sua melhor e mais efetiva arma diante daqueles nativos que falavam outras línguas?(...) Ele sabia que não lhe bastariam os cavalos, a artilharia e os arcabuzes para conseguir o domínio daquelas terras. (...) Os canhões e a cavalaria surtiam efeito entre a barbárie, mas num contexto civilizado o ideal era obter alianças, negociar, prometer, convencer, e tudo isso só seria conseguido pelo diálogo, do qual se via privado desde o início./Nesse novo mundo recém-descoberto Cortés sabia ter nas mãos a oportunidade de sua vida; no entanto, sentia-se de mãos atadas. Não podia negociar; necessitava com urgência alguma maneira de dominar a língua dos nativos. De outra forma – com sinais, por exemplo – seria impossível conseguir seus objetivos. Sem o domínio da linguagem, de pouco serviriam as armas, (ESQUIVEL, 2007, p. 41).*

O não domínio linguístico constituiu grande empecilho para os conquistadores. A aproximação dos códigos orais acabou por demonstrar o quanto de distanciamento existia na relação entre os opostos, o que acabava por figurar como uma célula de resistência à penetração de outros padrões culturais em domínios nunca antes explorados. A constatação de Cortés, de que sem o conhecimento das mais distintas línguas da civilização asteca seria impossível levar a cabo seus objetivos, desperta mais uma vez a sede por conquista – dúvida se aprofundarmos a reflexão, pois a conquista da língua é convertida em conquista do outro.

Essa relação dialógica entre colonizador e colonizado, pautada na conquista, ademais de enfrentar a resistência imposta pela língua, enquanto código oral e veículo de comunicação, enfrenta a resistência consciente de Malinche, a intérprete de Cortés, que fere a língua, órgão responsável pela manifestação das mensagens. Quando a ‘língua’ de Cortés segue esse caminho, ela está consciente das consequências que busca causar.

*(...) A língua os unia e a língua os separava [Cortés e Malinche]. A língua era a culpada de tudo. Malinalli destruiu o império de Montezuma com sua língua. Graças*

2 | Verificar distinção entre ‘exploire’ e ‘exploit’ na língua inglesa.

3 | Clara consciência é utilizada quando se aceita o princípio da verossimilhança como inerente às produções literárias.

*às suas palavras, Cortés fizera aliados que asseguraram sua conquista. Decidiu então castigar o instrumento que criara esse universo. (...) Como resultado, a expedição das Hibueras foi um fracasso. A derrota de Cortés mergulhava no silêncio. A realidade os devolvia vencidos, (Ibidem, p. 165-6).*

Por meio da autopunição, Malinche acaba por punir o seu arremedo de espelho, o que nos leva a discussão inicial e empreendida até o momento, isto é, a resistência. Não nos termos da abrogação enquanto apropriação da linguagem do outro, hibridizando-a com a sua, para causar a lacuna metonímica ou o vazio de compreensão por parte do outro que a si se opõe. A resistência nesse caso é consolidada pela consciência de que privando o colonizador da linguagem de domínio se estará imputando-o ao fracasso. É o que se constata na derrota mergulhada em silêncio, pois é na não possibilidade de comunicação provocada por Malinche que a derrota de Cortés se alicerça.

A ausência de um código que seja compreensível é convertida em reação ao trabalho de dominação. Concordamos, então, tratar-se de uma resistência que ultrapassa os limites do controle individual exercido por Cortés sobre Malinche, para ganhar status mais abrangente. Quando se nega em ser a ‘língua’ de Cortés numa determinada batalha, Malinche está negando todo o aparato colonizador. Em síntese, está resistindo a tudo que Cortés representa para a civilização asteca. A obra, por sua vez, acaba evidenciando um processo de resistência sócio-histórica e cultural em relação aos padrões europeus.

#### **Malinche: por uma ‘nova ordem’**

As produções literárias possuem condições reais para a transformação das sociedades das quais são metonímias constitutivas? Quiçá essa afirmação possa ser verdadeira, mas, até que ponto, textos que durante grande parte do tempo foram tomados como atividades para o deleite, podem ser transformados em meios que justifiquem os fins sociais? Consideramos que determinadas obras podem e, até mesmo, devem ser tomadas como veículos estruturadores de uma ‘nova ordem’, seja social, histórica, cultural ou ideológica.

Na contemporaneidade, os fazeres científicos que carregam a carga de um pensamento pós-colonial, feminista ou outros conglomerados que centram suas forças em áreas sociais marginalizadas, periféricas ou das sombras – para exemplificar a larga nomenclatura que pontos esquecidos da estrutura social recebem – atuam de modo determinante na estruturação de outros padrões sociais, na ressemantização dos esquemas ideológicos de uma formação social.

*Malinche* encontra-se na ordem dessas produções compelidas por faculdades transformadoras. Uma obra marcada pela reconfiguração do pensamento latino-americano, bem como ressignificação da nação mexicana enquanto comunidade imaginada. Afinal, como postula Anderson (2008, p. 12), não há comunidades que sejam verdadeiras, pois são todas imaginadas fora do signo da falsidade ou autenticidade, conforme o “estilo” seguido

pelo ‘nós’ coletivo dentro de sua diversidade. Se assim ocorre, a obra em foco é capaz de interferir na apreensão coletiva do México quando subverte a estrutura social, desenvolvendo “quimeras” acerca dessa nação inventada/imaginada.

Com um projeto estético-literário e também crítico-social voltado para uma comunidade que se constrói a partir da resistência ao outro (sem deixar de considerar os aspectos inerentes a um contato hibridizante, nos pontos que há de positivo no termo), *Malinche* possibilita a percepção do México no momento do diálogo entre dominador e dominado, com o propósito de transportar esse período para o que é apresentado no livro por a ‘nova raça’ e que remete à sociedade mexicana contemporânea.

Quando deparamos com o excerto: “Eles não pertencem nem ao meu mundo nem ao dos espanhóis. São a mistura de todos os sangues: o ibérico, o africano, o romano, o godo, o sangue nativo e o sangue do oriente” (ESQUIVEL, 2007, p. 189), temos a certeza de que há um projeto maior que a simples retratação de um encontro, marcado por processos de resistência mútua ao que o outro representa. Isso porque essas frases são construídas não de modo negativo, mas pelo contrário, de modo a exaltar a constituição de um ‘mundo novo’, híbrido por excelência.

Chegar nesse ponto requer discernimento para entendermos que não refletimos mais sobre um cenário cultural específico do México, mas do mundo que se torna plural. “Como o futuro depende do esgotamento de paradigmas, ele depende da pertença a duas ou mais culturas (...), [o que gera] uma mudança na maneira de percebermos a realidade, de nos vermos, e de nos comportarmos” (ANZALDÚA *apud* FIGUEIREDO, 2010, p. 96). Logo, a humanidade de modo geral adentra cada vez mais no espaço em que se constituem sujeitos híbridos, assim como culturas e sociedades, também híbridas. Isto é, sujeitos e formações sociais que não pertencem a nenhum e a todos os cantos ao mesmo tempo.

Então, afirmar que México possui uma constituição híbrida é não falsear a realidade, mas é, principalmente, admitir, pela representação trazida pela obra, que esta nação configura uma verdade momentaneamente plural. O ‘nós’ coletivo coaduna com um pertencimento múltiplo, envolvendo todos os seus implicantes, sejam eles benéficos ou maléficos. O que significa dizer que o multicultural é uma expressão marcadamente maniqueísta. Claramente, a comunidade imaginada mexicana possui o sentimento de pertença ligado a um cenário cultural híbrido.

Quando aderimos à concepção de que uma obra literária torna possível apreender comunidades imaginadas, que pertenceriam mais a uma empreitada de investigação sociológica ou antropológica, estamos admitindo – no caso do texto de Esquivel, que possui forte apelação para a interdisciplinaridade com a história – tratar dita produção seguindo os matizes ficcionais em sua ampla relação com a historiografia.

*[Pois] Ambos os discursos unem-se numa função comum: tanto a historiografia como a ficção são uma alegoria da vida, para além de seus tons e modalidades, são vitali-*

*zações e revitalizações, instâncias e formas de novas existências, fragmentos de vida produzidos numa luta agônica contra o esquecimento, numa luta dramática contra a morte, (PIZARRO, 2006, p. 43).*

Assim, a associação realizada entre narrativas ficcionais e historiográficas transita no espaço singular da tentativa de desenvolvimento de um discurso que desse conta, não apenas da literatura, mas de aspectos culturais da América Latina, o que permitiria conhecê-la mais a fundo, ou, ao menos visualiza a partir de outra perspectiva.

*O interesse que os espanbóis, e Cortés em especial, mostravam pelo ouro não lhe parecia correto. Se fossem deuses de verdade, se preocupariam com a terra, com a sementeira, em assegurar o alimento dos homens, e não era assim. Em nenhum momento os vira interessados no milharal, só em comer, (ESQUIVEL, 2007, p.75).*

Aos olhos de Malinche, personagem que não ocupava posição de destaque na sociedade que se estruturava, os colonizadores longe de serem desbravadores audazes, comparáveis a deuses, pareciam suspeitos demais, comportando-se como aproveitadores. Visão muito distinta da apresentada pelos manuais oficiais que dão conta do “descobrimento” da América. Retomando o passado histórico, mas com uma ressignificação da ‘realidade’ colocando em destaque outras possibilidades de leitura, podemos afirmar que a produção em questão, atua como veículo para a constituição de uma ‘nova ordem’, sobretudo, sócio-ideológica. Afinal, interfere nos padrões ideológicos de determinada formação social, modificando concepções ético-morais primeiras ou, de outra forma, interferindo na comunidade imaginada mexicana.

Outro ponto que remete a constituição de uma ‘nova ordem’, e que ao mesmo tempo retorna a nossa questão inicial – a resistência –, passa pela apropriação da língua do colonizador. É por meio de uma língua que não é sua, mas que é tomada de assalto ao colonizador, que o colonizado irá subverter a ordem convencional dos contextos apregoados e instaurar uma ‘nova ordem’ mais condizente com o cenário ‘real’ dos fatos acontecidos, tanto em termos ficcionais quanto em relação aos contextos de produção.

*De repente a tarde adquiriu um tom cinzento e a luz solar foi devorada pela umidade do céu. Malinalli tinha os olhos (...) como se (...) quisessem ocultar imagens ao cérebro e apagar toda forma e todo reflexo de uma conquista e um mundo ilusório, enganoso. Pronunciando a palavra “Cortés” com voz grave, disse:*

*— Cortés, (...) não me peça, nesse tom, que deponha. Já não sou sua língua, senhor Malinche.*

*Havia muito ninguém o chamava de Malinche. (...) Cuspiu fogo pelos olhos e com*

*fúria contida se dirigiu a ela:*

— *Quem pensa que é para me falar assim?*

*Jaramillo, que conhecia a mulher como ninguém, viu em seus olhos um arrebatamento de raiva e percebeu que ela ia vomitar sobre Cortés todo seu ódio, (Ibidem, p. 183).*

É apropriando-se da língua do colonizador que Malinche irá expressar, com todo rancor, a mágoa e a compreensão quanto ao processo de colonização empreendido por Cortés, que é ao fim e ao cabo, a representação da colonização espanhola. Esse fragmento é a preparação para que Malinche deixe às claras o que pensa a respeito de Cortés e de toda a “desgraça” por ele imputada à civilização Asteca. Nesse tom, e tentando apagar todos os reflexos de “um mundo ilusório”, a personagem em questão seguirá enumerando as “desgraças” da conquista – a mais representativa atesta a “maldição” dos espelhos negros que roubaram todo o discernimento de seu povo.

Pelo idioma que “não é seu”, a personagem principal irá se rebelar/resistir quanto a tudo o que é personificado pela pessoa de Cortés. Assim, a língua instaura uma ‘nova ordem’ na narrativa, na qual o colonizado deixa de “baixar a cabeça” para o colonizador e assume um discurso diferenciado do em voga para um contexto de exploração. Ao mesmo tempo, promove a instauração de uma ‘nova ordem’ quando se enfatiza o contexto de produção de *Malinche*.

Laura Esquivel utiliza a língua espanhola, a mais marcada possível pelos anos de evolução em contato com outras línguas, para narrar um texto possível. Não se pode garantir que um diálogo desses possa ter ocorrido entre os dois polos em comunicação. Mas, ousamos dizer que, no modo latente de pensar a sociedade contemporânea/pós-moderna, a autora ao menos despertaria em seu leitor a reflexão sobre o processo de colonização – descrito, durante muito tempo, como um benefício para os povos não civilizados, garantido pelas grandes nações conquistadoras/exploradoras.

*Onde a metrópole espera silêncio, há voz; onde a metrópole espera conformismo, há inquietação. Desta forma, como Bhabha, Santiago também acredita que o intelectual à margem, ao dominar a língua do opressor, tem um contradiscurso, mais prático e eficaz uma vez que “É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida” (SANTIAGO, 1978, p. 22), (BARZOTÍO, 2011, p. 71-2).*

Desse modo, apropriar-se de outra língua para desvelar os fatos, tornando-os acontecimentos, é condição recorrente para nações que já ocuparam, durante muito tempo, a insígnia de colônia do mundo, ao menos do ocidente. Assim, conhecer a língua da metrópole é antes combate e resistência que submissão, é um não se calar e obedecer quando é essa a atitude que se tem como certa, é rebelar-se quando se esperava águas mansas para aprisioná-las.

Em síntese, é desbravar às avessas, conhecer *quem somos* e não permitir que o outro diga *quem somos*.

A América Latina tem elaborado um contradiscurso em contexto pós-colonial, tem instaurado uma ‘nova ordem’. Quando se apropria da língua do colonizador (francês, espanhol ou português) retira as amarras que unia metrópole e colônia em uma relação desproporcional, baseado no ‘eu mando’ e ‘você obedece’, respectivamente, instaurando, a seu modo, uma maneira diferenciada de conceber seu mundo.

*No somos lo que fuimos ni hay vuelta atrás. La velocidad del cambio nos obliga a repensarnos, a re-posicionarnos, a reubicarnos. Eso, la tarea hoy es reubicarnos. Necesitamos nuevas cartas de marear, nuevas brújulas de navegar en este mundo de hoy. Encontrar el lugar del intelectual latinoamericano hoy en día implica volver a encontrar la grieta, la bendidura, el intersticio desde donde hablar. Discurso y poder, poder y discurso, exigen antes establecer desde dónde hablamos. (...) Decidir desde donde hablamos implica decidir quiénes somos y sobre todo quienes queremos ser, (ACHÚGAR, 2011, p. 28).*

Ao retomar seu passado histórico, seja por meio de textos ficcionais, históricos ou de quaisquer que sejam as áreas, a América Latina assume o seu direito de dizer quem é e, quando isso ocorre, não mais reflete a imagem distorcida e inventada para ela. A obra *Malinche* figura como um exemplo esclarecedor da “verdadeira” identidade latino-americana, híbrida por excelência, e com alto poder de resistência a padrões subjugadores. Ou seja, o texto de Esquivel, em contexto latino-americano, possibilita a instauração de uma ‘nova ordem’, na qual Latino América se escreve com letras maiúsculas, e os tons do poder europeu para o controle, tornam-se, a cada dia, mais desbotados.

### **Um final utópico?**

Passamos por alguns pontos que causaram certo incômodo até chegarmos a uma conclusão ressoante em toda a América Latina, isto é, estamos em franco processo de transformação sócio-histórica e ideológica. Observamos que a prática da resistência, seja em objeto ficcional ou na vida, configura uma das principais características de nossos tempos, afinal, é por meio dela que empreendemos uma caminhada distinta daquela que para nós foi inventada.

*Malinche* proporciona reflexão não apenas acerca do processo de colonização mexicano, mas também, sobre nossa própria constituição que começou a se consolidar desde o primeiro contato com o colonizador. Situação que ao mesmo tempo em que permitia a aproximação de diferentes elementos culturais, garantia que o distanciamento revelasse as sinuosidades de uma trajetória conflitante, de resistência.

Tomar algumas passagens do texto literário facultou conhecer não apenas a produção de Laura Esquivel, mas, primordialmente, matizes primeiros da constituição

identitária e social mexicana. Isso nos leva a pensar no potencial que um texto possui de transformar o cenário no qual ele está inserido, realidade que pode ou não ser possível.

Acreditar que uma obra – ou várias seguindo a mesma corrente – seja capaz de mudar o mundo pode soar como fantasia de nefelibatas. Mesmo que a literatura não possuísse toda essa força, ao menos a sua característica de representação das sociedades em seus mais variados matizes, seria uma certeza. Por isso, seguimos crendo no potencial transformador da literatura e que ela é capaz de dar movimento a pedras inertes.

## Referências Bibliográficas

---

**ACHUGAR**, Hugo. ¿Existe un lugar para el intelectual latinoamericano?. In: FIGUEIREDO, Eurídice; REIS, Livia (orgs.). *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro: 7Letras; Santiago, Chile: Usach, 2011. p. 15-28

**ANDERSON**, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

**ASHCROFT**, Bill; **GRIFFITHS**, Gareth; **TIFFIN**, Helen. *Theory and practice in post-colonial literatures*. London: Routledge, 1999

**BARZOTTO**, Leoné Astride. *Interfaces culturais: The ventriloquist's Tale & Macunaíma*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2011

**BONNICI**, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 257-286

**ESQUIVEL**, Laura. *Malinche*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

**FIGUEIREDO**, Eurídice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: EDUFF, 1998

\_\_\_\_\_, *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010

**HOUAISS**, Antônio. *Dicionário Eletrônico da língua portuguesa*. Editora Objetiva, 2007

**PIZARRO**, Ana. *O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana*. Tradução de Irene Kallina & Liege Rinaldi. Niterói: EDUFF, 2006